

ASPECTOS CONCEITUAIS DA TRADUÇÃO¹

Madileide de Oliveira DUARTE² - CESMAC

RESUMO: Trata-se de aspectos da tradução em si: conceito, tipologia jakobiana, caracterizações específicas. Tradução como ato criativo reverberando o fazer poético de José Paulo Paes, do campo técnico-científico (função metalingüística) ao campo da poesia e romance (intrametalingüística). Contextualização histórica da tradução no Brasil. Precursores da tradução no Brasil da poesia concreta. Considerações sobre o que distingue os poetas-tradutores dos não poetas-tradutores. A questão da fidelidade na tradução propriamente dita. A crítica literária enfocada como tradução. Papel do tradutor na formação de leitores de poesia.

ABSTRACT: It is about aspects of translation itself: meaning, Jakobian typology and specific characteristic. Translation as a creative act, reflecting the poetry of José Paulo Paes, as a scientific-technique (metalanguage), or as in the poetical and romantical field. (intrametalingüística). A historical contextualization of the translation in Brazil. Brazilian pioneers in concrete poetry translation. Considerations about the differences between translator-poets and poets who does not translate. The fidelity issue concerning translation itself. Literary criticism focused on translation. The translator's role concerning the readers development. Keywords: Jakobian typology; translation: in the poetry, in the romance, in the scientific – technical field; translators and readers development.

1. Introdução

A priori, pensar em tradução nos remete instantaneamente àquilo que a palavra sugere aos nossos ouvidos, ou seja, o sentido literal do que se transpõe de uma língua para outra língua. Falar em tradução também sugere pensar, especificamente, nos procedimentos técnicos e poéticos de como se dá à tradução propriamente dita, mas o momento permite, tão só, um olhar sob os aspectos conceituais da tradução que nos possibilite entender o campo de interpretação de seus variados sentidos. No primeiro momento, trataremos da concepção etimológica da palavra em si e da tipologia de Roman Jakobson. No segundo momento, escolhemos os conceitos de José Paulo Paes colhidos em sua produção crítica acerca da tradução propriamente dita, uma vez que, sendo poeta, tradutor e crítico ele nos oferece subsídios para entender o trânsito entre vários ofícios de criação. Percorremos ainda, conceitos de poetas-tradutores e não poetas-tradutores sobre o assunto. No terceiro momento, falaremos da crítica como processo tradutório. E finalizando, o destaque será sobre a importância do papel do tradutor na formação de leitores e da tradução no processo de leitura.

2. Aspectos conceituais da tradução

2.1. Tipologia de Roman Jakobson

Etimologicamente, a palavra **tradução** é definida pelo dicionarista Holanda (1986) como: 1. Ato ou efeito de traduzir. 2. Obra traduzida: quase só lê traduções. 3. Versão. 4. Processamento de dados – processo de converter uma linguagem em outra. Visto por estes ângulos é possível refletir a tradução a partir dos pressupostos de Jakobson (1999, p. 64): “distinguimos três maneiras de interpretar um signo verbal: ele pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não verbais”. Seguindo o percurso acima, sua tipologia considera que: 1. *Tradução intralingual* ou *reformulação* é a interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua; 2. *Tradução interlingual* ou *tradução propriamente dita* é a interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua; 3.

¹ Adaptação e ampliação à primeira parte do capítulo “Tradução” de minha dissertação de mestrado, concluída em 2001 e intitulada *A ossatura poética de José Paulo Paes*, sob orientação do Prof. Dr. José Aloísio Nunes de Lima, linha de pesquisa - Processos de Intersemiose em Literatura Brasileira no Programa de Pós-Graduação em Letras/UFAL.

² Integrante do Grupo de Pesquisa *Comunicação e Significação*-CNPq e do Programa Semente de Iniciação Científica do Centro de Estudos Superiores de Maceió-CESMAC. Professora de *Semiótica* e de *Princípios e Métodos de Orientação Educacional III*, pela Faculdade de Educação e Comunicação-FECOM/CESMAC. E-mail: madileideduarte@yahoo.com.br

Tradução intersemiótica ou *transmutação* é interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

Os pressupostos de Jakobson têm como ponto de partida a leitura do signo verbal: oral e escrito e a interpretação desse signo em outros sistemas de signos. Com a intensa proliferação de recursos tecnológicos e as formas híbridas de representação de linguagem cada vez maiores, os estudos de Roman Jakobson, de Charles Sanders Peirce, de Walter Benjamin no início do séc XX e, no Brasil, contemporaneamente, os experimentalistas e teóricos concretistas Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Júlio Plaza, Philadelpho Meneses, dentre outros, permanecem e atualiza de forma determinante essa idéia multifacetada da palavra tradução. A poesia concreta e a aproximação entre ocidente e oriente faz com que poetas brasileiros trabalhem seus ofícios na contra mão da poesia eminentemente verbal. Dessa forma, o sentido da palavra tradução se estende desde a leitura da criação verbal *reformulada* na própria língua, à leitura daquilo que é *transmutado* de um sistema de signos para outro sistema e, no sentido literal, à leitura do que se traduz de uma língua para outra.

Ressaltamos que a interpretação de José Paulo Paes, em seu ofício tradutório pode ser vista, através de um processo contínuo de intersemioses, pois a liberdade de trânsito entre a poesia, a tradução e a crítica garantem uma maior absorção do signo que circunda entre eles. Se assim podemos afirmar, há uma contaminação da poesia, para a tradução, para a crítica, levando o poeta cada vez mais a revisitar outros ofícios e nos momentos de maior inventividade ser possível observar o grau de qualidade que o signo estético se estabeleceu em sua poética.

2.2. Tradução propriamente dita

José Paulo Paes no livro *Tradução: a ponte necessária*³ (1990) faz uma retrospectiva histórica de como a tradução ganhou corpo no Brasil, citando inclusive, alguns nomes importantes de tradutores poetas e não-poetas, perfilhando da poesia, a prosa, ao teatro a idéia de como tudo começou. Seus estudos têm como ponto de partida o barroco brasileiro, com as paráfrases de Gregório de Matos, na poesia; passando pelas palavras-valise e neologismos de Odorico Mendes na prosa, influenciando Sousândrade e Guimarães Rosa.

No século XX, sobretudo a partir dos anos 30, cria-se no Brasil a condição mínima de ordem material e social, possibilitadoras do exercício da tradução literária como atividade profissional, ainda que em sua maioria subsidiárias. José Paulo Paes cita os tradutores desta fase: Monteiro Lobato e Érico Veríssimo. Sobre Monteiro Lobato revela que ele “era um trabalhador incansável: produzia uma média de vinte páginas por dia, de dois a três livros por mês. Verteu mais de uma centena de obras: além de autores de menos categoria, traduziu Kipling, Jack London, Melville, Saint-Exupéry, Hemingway, Sholem Ash, H. G. Wells etc”. (PAES, 1990, p. 26). Apresenta os precursores no Brasil da poesia concreta: Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari e José Lino Grunewald, dizendo serem importantes “tanto por suas formulações acerca da teoria da tradução poética, quanto pelo trabalho de recriação de textos da mais alta complexidade formal, como as *Rime Pietrose* de Dante, a poesia provençal, o *Lance de Dados* de Mallarmé, os *Cantos* de Pound, o *Finnegan’s Wake* de Joyce, a moderna poesia russa (em colaboração com Boris Schnaiderman) a poesia bíblica etc”.(idem, p. 30).

Dos aspectos históricos mais gerais a especificidade de sua tradução, observemos o que diz a Rinaldo Gama (1990, p. 74) sobre sua gênese tradutória: “Quando terminei de ler [*O Corvo*, traduzido por Machado de Assis], entendi que a poesia não precisava tratar apenas de amores frustrados. Ao mesmo tempo, percebi o fascínio que era fazer, como uma espécie de ventríloquo literário, um poeta estrangeiro falar a nossa língua”. Foi a partir dessa tradução do poema *O Corvo* do americano Edgar Allan Poe que nasceu em José Paulo Paes o interesse por esse ofício. Em outro depoimento, afirma a Antônio Paulo Klein (1990, p. 34): “sou tradutor, na verdade, porque não entendo bem as línguas que traduzo, daí preciso traduzir para compreender. [...] Fui aprendendo pelo método certo/errado, num ritmo estatístico”. E finaliza: “a consciência do tradutor é a consciência de Judas, que sempre acha que traiu, sempre tem remorso por achar que podia ter feito melhor” (idem, p. 34). Esse pensamento converge, em parte, historicamente na questão da poesia ser considerada intraduzível por alguns tradutores-poetas. A exemplo disso, a linha de pensamento de: Manuel Bandeira, Monteiro Lobato e, alguns tradutores não-poetas. Por isso, Haroldo de Campos (1977, p. 100) vai advertir que “na tradução de um poema, o essencial não é a reconstituição da mensagem, mas a reconstituição do sistema de signos em que está incorporada esta mensagem, da informação estética, não da informação meramente semântica”. Então, o remorso da traição e a intraduzibilidade se subvertem a partir do momento

³ Destaque para os ensaios do livro *Tradução: a ponte necessária*: “A tradução literária no Brasil” (p. 9-31); “Sobre a tradução de poesia: alguns lugares-comuns e outros não tanto” (p. 33-48).

em que o tradutor pressupõe o ato tradutório como recriação. Décio Pignatari (1980, p. 112) faz a seguinte reflexão:

Toda tradução implica metalinguagem, ao nível da criação – intrametalinguagem: não toca apenas o objeto traduzível, mas a natureza do próprio signo. O que há de essencial, próprio e único de um objeto não pode ser traduzido, assim como o que há de único que faz de alguém **alguém** não pode ser comunicado – e no entanto o que se busca traduzir, o que importa traduzir é justamente o intraduzível, como diria Michel Butor. (Grifos do autor)

Do campo poético ao campo técnico-científico; ora por interesse próprio, ora por exigências do ofício, a tradução propriamente dita foi se constituindo em José Paulo Paes. Essa linha divisória no ato tradutório pode ser compreendida na explicação de Sussana Busato Feitosa (1992, p. 113):

no campo da tradução técnica, a literalidade parece ser regra. A sua função nada mais é do que transmitir, estabelecer-se como ponte entre o leitor e a obra. Por sua própria característica (objetividade, concisão, clareza), a linguagem técnico-científica (metalingüística) pouco oferece para que uma tradução seja dificultada, salvo quando apresenta expressões e/ou palavras de significado muito particular, cujo correspondente na outra língua não existe, criando-se então, um termo mais adequado, ou ainda, inserindo-se a palavra estrangeira na língua para qual se está traduzindo. [...]

No campo poético, as palavras têm um valor e esse valor consiste no sentido que as palavras ocultam. O tradutor deve estar consciente disto: as palavras apontam para um sentido, ou melhor, uma ‘significância’.

A fidelidade não consiste em traduzir literalmente, palavra por palavra, mas a intencionalidade daquelas palavras, pois elas apenas mostram, apontam para.

A natureza dos ofícios de criação são revelados por ele a Floriano Martins & Rodrigo de Almeida (s/d, p. 3)⁴,

entendo o ensaísmo e a tradução literários como uma criação de segundo grau. A de primeiro grau é evidentemente a obra que se traduzia ou as obras acerca dos quais se escreve. Tanto quanto a tradução, o ensaio de interpretação é um ato hermenêutico de penetração no íntimo da obra alheia e de redicção dela (se cabe o termo). A tradução a rediz num outro idioma, a interpretação crítica numa outra linguagem, numa metalinguagem. O inegável, porém, é que sem imaginação não se consegue penetrar congenialmente a intimidade das obras de imaginação. A congenialidade entre o texto original, sua tradução em outras línguas e suas interpretações críticas alcança fazer destas criações de segundo grau um prolongamento daquele.

Confirmando as formulações citadas acima, José Paulo Paes (1990, p. 31) diz que “os que mais competentemente a exercem [a tradução] não são tradutores, mas escritores que optaram por dividir o seu tempo entre a criação propriamente dita e a recriação tradutória”. Tal afirmação corrobora a idéia da tradução pelos poetas como sendo mais bem realizada, visto que o poeta põe em circulação um repertório muito mais complexo e com isso ganha a língua de origem e a de chegada, a língua onde foi recriada, porque ao poeta é permitida a paráfrase, a paródia, a montagem, a colagem, sem com isso descaracterizar a poeticidade da obra original.

O ensaio “Sobre a tradução de poesia” presente no livro: *Tradução: a ponte necessária* (1990), originalmente, consta no posfácio de *Transverso* (1988), livro que reúne uma coletânea de poesias traduzidas, no curso ministrado por José Paulo Paes, no período de abril a outubro de 1987, pelo Instituto de Estudos de Linguagem da UNICAMP. Ao longo desse ensaio podemos notar uma das reflexões do tradutor sobre o assunto. José Paulo Paes (1990, p. 47) diz que:

ao perturbar constantemente o primado do sentido lógico do discurso por via de operadores diversivos como a metáfora, a aliteração, a assonância, o jogo paronomásico etc., busca o poeta com isso chamar a atenção do leitor menos para o significado abstrato dos signos do

⁴ <http://www.paubrasil.com.br/paes/paes-entrevista3.html>.

que para a materialidade deles – o seu som, a sua forma, - que é o penhor de serem congeniais das coisas. Precisamente porque aspira ao ideoleto originário, o poeta está sempre redescobrimdo o mundo, vendo-o como se nunca ninguém o tivesse visto antes, como se fosse ele o primeiro homem sobre a face da Terra.

Observando suas palavras acima, podemos constar que o poeta José Paulo Paes que anteriormente falava em “remorso de traição” ao poema de partida, declara ser a “transposição criativa” nos textos literários fundamental nesse ofício. Miranda (1986, p. 10), partindo do princípio que poesia é intraduzível por definição, afirma que “dessa perspectiva, a fidelidade estreita ao original é acertadamente abolida, em prol da criatividade, mais apta a cumprir a finalidade última da tradução que, levando-se em conta a diversidade de códigos nela envolvidos, é a de transmitir uma mensagem equivalente à do texto original”. Neste caso, o texto original enriquecerá o outro, no momento de sua transposição.

Apenas a título de exemplificação, aos olhos atentos dos leitores tradutores poetas e não-poetas, vejamos de que maneira se apresenta o poema do americano William Carlos Williams “O poema”, a partir do repertório de José Paulo Paes – poeta, crítico e tradutor – no momento da transposição de uma língua para outra e, da técnica empregada no processo tradutório:

O POEMA

Tudo está
no som. Do som, a canção.
Mesmo rara. Bom

que seja uma canção – com
por menores, vespas,
uma genciana – algo
imediatto, tesoura

aberta, olhos
de senhora – desperta,
centrífuga, centripeta.

THE POEM

It's all in
the sound. A song.
Seldom a song. It should

be a song – made of
particulars, wasps,
a gentian – something
immediate, open

scissors, a lady's
eyes – waking
centrifugal, centripetal.

Numa entrevista a Carlos Felipe Moisés (1886:4)⁵, José Paulo Paes confirma ao entrevistador que há um *feedback* entre criação poética e tradução:

principalmente quando você traduz poetas mais congeniais e começa a se exprimir através das traduções. Mas também pode existir um aspecto compensatório, você como que assume um heterônimo ao traduzir um poeta diferente de você. Por exemplo, eu sou naturalmente um poeta **voltado para o conciso, para o epigramático, para o osso da linguagem**. Entretanto, me sinto bem traduzindo poetas mais derramados, mais fluviais, mais metafóricos. Assumo o heterônimo de um poeta abundante, quantioso, e me compenso um pouco dessa minha limitação de epigramista. (Grifos nossos)

A tradução enfoca os caminhos da ciência na interpretação de sentidos, inclusive de uma cultura para outra, Pinheiro (1991:174) aponta que “não há tradução se o que vier de fora não reagir, por sua vez, sobre todo o conjunto lingüístico em que entrou, como uma pilha voltaica acelerando novas conexões a partir da imantação entre dois ou mais sistemas de linguagem”.

⁵ paubrasil.com.br/paes/paes-entrevista2.html

2.3. A crítica como tradução

Um outro ponto de enfoque necessário para a captação da linguagem tradutória é pensar na crítica literária. Ela se propõe identificar elementos do texto-fonte, traduzindo-os para o texto-alvo. Souza (1986:20) sustenta que “a recriação da linguagem crítica decorre da prática e da imagem do ato de tradução, verificando-se uma pequena distância entre a linguagem-objeto e a metalinguagem. Embora a teorização guarde certa distância de seu objeto, a metalinguagem (da mesma forma que a tradução) assume caráter ‘vampiresco’, ao se nutrir do sangue da linguagem-objeto”.

3. O papel do tradutor na formação de leitores e da tradução no processo de leitura

Da *Gaveta de tradutor* José Paulo Paes (1996) define o papel do tradutor na formação do leitor de poesia, dividido-o em três categorias:

1 – Aficionados são os que lêem regularmente por prazer, porque a poesia lhes toca de perto a sensibilidade e lhes proporciona um tipo de experiência interior;

2 – Poetas, os quais, além de partilhar com os aficionados o mesmo prazer e o mesmo tipo de experiência interior, tiram da leitura de poesia alheia sugestões e estímulos para a sua própria criação;

3 – Estudiosos, cuja leitura de poesia, diferentemente da leitura prazerosa dos aficionados e dos próprios poetas, envolve, sobretudo um objetivo de ordem prática. Que são: filólogos, exegetas, críticos literários, professores e estudantes de Letras.

O papel do tradutor passa a ser de fundamental importância para aqueles leitores que não tem acesso ao original. A leitura que em outra língua antes era inatingível passa a ser acessível, seja através do tradutor poeta ou do tradutor não-poeta que com sua habilidade criatividade e aprimoramento da técnica possibilitará acesso imediato ao texto-fonte e aumento na formação desses leitores. A tradução propriamente dita no processo de leitura enriquece ainda mais o repertório dos leitores interessados.

4. Considerações Finais

A trilha dos conceitos estudados sobre tradução, enfim, motivada pela diversidade de contextos em que a palavra pode (re)aparecer, esperamos ter sido possível compreender a importância desse estudo para a ampliação da capacidade perceptiva em que seus contextos sugerem, seja na mesma língua; seja de um sistema de signos para outro sistema; seja de uma língua para outra, quando a tradução propriamente dita é pensada por poetas, não-poetas, romancistas, ficcionistas.

5. Referências bibliográficas

Educação: Estudos Avançados da USP. Apresentação da tradução de José Paulo Paes de poemas selecionados de William Carlos Williams por Alfredo Bosi. Tradução, uma nova produção. v. 2, nº 1, USP/SP, jan/mar 1988.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CAMPOS, Haroldo de. *A arte no horizonte do provável*, 4ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1977.

FEITOSA, Sussana Busato. A questão da fidelidade na tradução. *Semiótica e Comunicação*: Revista Face, vol. 4, nº 1, p. 109-116, jan/jun. São Paulo, 1992.

GAMA, Rinaldo. O curinga das letras. *Veja*, 11 jul. São Paulo: Abril Cultural, p. 74-75, 1990.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*, trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22ª ed., São Paulo: Cultrix, 1999.

KLEIN, Antônio Paulo. As aventuras de José Paulo Paes, *Leia*, mar, São Paulo, p. 32-34, 1990.

- MARTINS, Floriano & ALMEIDA, Rodrigo de. A conquista de uma voz própria. *O povo*, caderno Sábado, Fortaleza, [online] <<http://www.paubrasil.com.br/paes/paes-entrevista3.html>>. 6p, 29 mai 1999 30 mai 1999.
- MIRANDA, Wander Melo. Tradução e intertextualidade. *Ensaio de Semiótica: Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da UFMG*, vol. 7, nº 16, p. 9-22, dez, Belo Horizonte, 1986.
- MOISÉS, Carlos Felipe. Meia palavra inteira, *Jornal da Tarde*, São Paulo, 19 jul [Online]. <<http://www.paubrasil.com.br/paes/paes-entrevista2.html>>. Parte 1, 9p. 30 mai 1999. Disponibilizado em 1986.
- PAES, José Paulo. Sobre a tradução de poesia – alguns lugares-comuns e outros não tantos. In: Vários autores. *Transverso – coletânea de poemas traduzidos*. Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 1988.
- PAES, José Paulo. *Tradução: a ponte necessária – aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990.
- PAES, José Paulo. O tradutor e a formação do leitor de poesia. In: Vários autores. *Gaveta de tradutor – versões de poesia*. Florianópolis/SC: Letras Contemporâneas, ed. Bilíngüe, 1996.
- PIGNATARI, Décio *et al.* *Mallarmé*, 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- PINHEIRO, Amálio. Tradução científica, tradução cultural, tradução poética. *Educação: Instituto de Estudos Avançados da USP*, nº 9, p. 171-174, mar/maio. São Paulo, 1991.
- SOUZA, Eneida Maria de. A crítica literária e a tradução. *Ensaio de Semiótica: Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da UFMG*, vol. 7, nº 16, p. 17-22, dez, Belo Horizonte, 1986.